



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

SUANE PRISCILA PORPINO DA SILVA

**AUTISMO E INCLUSÃO: ASPECTOS DA AÇÃO DOCENTE EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DE CASTANHAL – PA**

CASTANHAL-PA
2018

SUANE PRISCILA PORPINO DA SILVA

**AUTISMO E INCLUSÃO: ASPECTOS DA AÇÃO DOCENTE EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DE CASTANHAL – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Faculdade de Pedagogia, da
Universidade Federal do Pará – UFPA, como
requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientador: Luiz Carlos de Carvalho Dias

CASTANHAL-PA
2018

SUANE PRISCILA PORPINO DA SILVA

**AUTISMO E INCLUSÃO: ASPECTOS DA AÇÃO DOCENTE EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DE CASTANHAL – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Faculdade de Pedagogia, da
Universidade Federal do Pará – UFPA, como
requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientador: Luiz Carlos de Carvalho Dias

Banca Examinadora:

Prof.º Ms. Luiz Carlos de Carvalho Dias
Orientador – Universidade Federal do Pará

Prof.ª Márcia da Silva Carvalho
Avaliadora – Universidade Estadual do Pará

Prof.ª Ms. Dina Carla da Costa Bandeira
Avaliadora – Universidade Federal do Pará

Apresentado em: 24 /04/ 2018

Conceito: _____

CASTANHAL – PA
2018

Autistando

Quando me recuso a ter um autista em minha classe, em minha escola, alegando não estar preparado para isso, **estou sendo resistente a mudança de rotina.**

Quando digo a meu aluno que responda a minha pergunta como quero e no tempo que determino, **estou sendo agressivo.**

Quando espero que outra pessoa de minha equipe de trabalho faça uma tarefa que pode ser feito por mim, **estou usando-a como ferramenta.**

Quando numa conversa, me desligo "viajo", estou olhando em foco desviante, **estou tendo audição seletiva.**

Quando preciso desenvolver qualquer atividade da qual não sei exatamente o que esperam ou como fazer, **posso me mostrar inquieto, ansioso e até hiperativo.**

Quando fico sacudindo meu pé, enrolando meu cabelo como o dedo, mordendo a caneta ou coisa parecida, **estou tendo movimentos estereotipados.**

Quando me recuso a participar de eventos, a dividir minhas experiências, a compartilhar conhecimentos, **estou tendo atitudes isoladas e distantes.**

Quando nos momentos de raiva e frustração, soco o travesseiro, jogo objetos na parede ou quebro meus bibelôs, **estou sendo agressivo e destrutivo.**

Quando atravesso a rua fora da faixa de pedestres, me excedo em comidas e bebidas, corro atrás de ladrões, **estou demonstrando não ter medo de perigos reais.**

Quando evito abraçar conhecidos, apertar a mão de desconhecidos, acariciar pessoas queridas, **estou tendo comportamento indiferente.**

Quando dirijo com os vidros fechados e canto alto, exibio meus tiques nervosos, rio ao ver alguém cair, **estou tendo risos e movimentos não apropriados.**

Somos todos autistas.

Uns mais, outros menos.

O que difere é que em uns (os não rotulados), sobram malícia, jogo de cintura, hipocrisias e em outros (os rotulados) sobram autenticidade, ingenuidade e vontade de permanecer assim.

Scheilla Abbud Vieira

AGRADECIMENTOS

“Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, que todos os momentos que precisei Ele fez presente, nos momento em que me peguei questionando o que estava fazendo, Ele me pediu para ser forte. A minha família que sempre se fez presente e me ajudando ao que estivesse ao seu alcance, em especial minha mãe que sempre esteve ao meu lado me dando toda força que precisava, a meu pai que é um exemplo de pessoa determinada, meu irmão que me ajudou no que pode e minha Vó materna que presenciou cada passo e que se esforçou ao máximo junto comigo para que esse presente trabalho fosse finalizado. Ao meu namorado e amigo que por tantas horas suportou ouvir sobre Autismo, e sobre inclusão pedagógica, ficando ao meu lado nos momentos em que precisei, que me estimulou e compreendeu minha ausência pelo tempo dedicado aos estudos. Aos meus amigos de classe em especial Cleidinei Santos pela grande ajuda com o fornecimento de materiais para a realização deste trabalho, a Lilian Kelly por ouvir tantas lamentações e me incentivar, Thamyrys Maciel a pessoa que me trouxe grandes sorrisos e que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis aos longos destes quase cinco anos de curso e que agradeço imensamente pela parceria e pela amizade que vai além dos muros da universidade, Thais Bazilio por todo o incentivo, por todas as palavras de carinho e cuidado, pelo ajuda com materiais para a elaboração deste trabalho e te agradeço por cada tempinho que se dedicou a me ouvir. E por fim e não menos importante agradeço ao Prof. Ms. Luiz Carlos de Carvalho Dias pela paciência e pela qualidade na orientação desse trabalho, que me deu todo o suporte com suas correções e incentivos. Agradeço à Universidade Federal do Pará, por me proporcionar um ambiente criativo e amigável para os estudos e por todo conhecimento adquirido. Sou grata à cada membro do corpo docente, à direção e a administração dessa instituição. Meus agradecimentos a todos que de alguma forma contribuíram para que este sonho se tornasse realidade.”

*“A educação é um processo social, é desenvolvimento.
Não é a preparação para a vida, é a própria vida.”
John Dewey.*

RESUMO

O autismo caracteriza-se por uma série de condutas comportamentais como a frágil interação direta e clara com outras pessoas, movimentos de comportamento restritos, estereotipados, ritualizados e a limitação ou ausência de comunicação verbal. Por conta dessa generalização de características – “categorias de análise” - se faz necessário uma abordagem cautelosa para que a criança real não desapareça em meio a essas categorias. O tema Autismo, ainda é pouco conhecido por profissionais da área da educação, bem como, por demais profissionais que tem a responsabilidade de lidar com o que se considera “transtorno”; tema que vem sendo discutido com maior frequência atualmente, devido demandas de alunos com autismo que são inseridos em ambiente escolar regular. Muito vem se especulando e se pesquisando sobre se há um único foco reverbere em uníssono uma definição fechada do que é o autismo e como se deve realizar a educação deste aluno. Por este motivo, o presente trabalho, tem como objetivo geral: analisar as características na prática docente em uma turma regular do 2º ano do ensino fundamental na escola municipal com a presença de um aluno com autismo, associado a uma intervenção dentro de sala de aula regular para a inclusão do aluno com autismo. Nossas arguições começaram construindo diálogos com autores como Declaração de Salamanca, 1994; Barbosa, 2007; Sasaki, 1997; Rodrigues, 2006; Lima, 2006; Alves, 2002; Kupfer, 2010; Cunha, 2012 e Moreira, 2005. Utilizamos como paradigma metodológico as pesquisas de referências qualitativas, autores como Pissette, 2010; Taylor e Bogdan, 1984; Danna (1986), Bervian, Cervo e Da Silva (2007), nos deram suporte para a análise dos relatos e da observação da professora do ensino fundamental em relação à inclusão do aluno com autismo. Penso a inclusão em campos políticos, culturais e educacionais; inserir não é adaptar, mas acolher, cuidar para que a criança sinta pertencer-se a esses territórios geográfico e afetivo, as salas de aula regular e AEE, aos contextos de aprendizagens, significando e subjetivando possibilidades de aprender e apreender conhecimentos.

Palavras-chave: Autismo, Inclusão Escolar, Métodos de Intervenção e Prática Pedagógica

ABSTRACT

Autism is characterized by a series of behavioral behaviors such as the fragile direct and clear interaction with other people, restricted, stereotyped, ritualized behavioral movements and the limitation or absence of verbal communication. Because of this generalization of characteristics - "categories of analysis" - a cautious approach is necessary so that the real child does not disappear among these categories. The theme Autism is still little known by professionals in the area of education, as well as professionals who have the responsibility to deal with what is considered a "disorder"; a topic that is being discussed more frequently today, due to the demands of students with autism who are inserted in a regular school environment. Much has been speculating and researching on whether there is a single focus reverberates in unison a closed definition of what autism is and how to carry out the education of this student. For this reason, the present work has as general objective: to analyze the characteristics in the teaching practice in a regular class of the and year of elementary school in the municipal school with the presence of a student with autism, associated with an intervention within the classroom for the inclusion of the student with autism. Our arguments began by constructing dialogues with authors such as Salamanca Declaration, 1994; Barbosa, 2007; Sasaki, 1997; Rodrigues, 2006; Lima, 2006; Alves, 2002; Kupfer, 2010; Cunha, 2012 and Moreira, 2005. We use as methodological paradigm the researches of qualitative references, authors such as Pissette, 2010; Taylor and Bogdan, 1984; Danna (1986), Bervian, Cervo and Da Silva (2007), provided support for the analysis of the reports and observation of the elementary school teacher regarding the inclusion of the student with autism. I think of inclusion in political, cultural and educational fields; inserting is not adapting, but welcoming, caring for the child to feel belong to these geographic and affective territories, the regular classrooms and ESA, to the contexts of learning, meaning and subjecting possibilities to learn and seize knowledge.

Key words: Autism, School Inclusion, Methods of Intervention and Pedagogical Practice

LISTA DE SIGLAS

AEE– Atendimento Educacional Especializado.

TEA– Transtorno do Espectro Autista.

TGD – Transtorno Global do Desenvolvimento.

MEC – Ministério da Educação.

PNE – Plano Nacional de Educação.

TEACCH – Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Déficits Relacionados à Comunicação.

ABA – Análise Aplicada do comportamento.

ATE – Acompanhamento Terapêutico Educacional.

PECS – Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras

CAA – Comunicação Alternativa e Aumentativa.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

SEMED – Secretaria Municipal de Educação.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVOS	15
2.1	Objetivo Geral	15
2.2	Objetivos Específicos	15
3	REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1	Conceituando a inclusão escolar: Breves considerações	16
3.2	Conceituando o autismo: Breves considerações	18
3.3	O professor no processo de inclusão escolar de alunos autistas	21
3.4	Métodos de Intervenção Escolar para Crianças com Autismo – Breves Discussões Sobre os Métodos	24
3.4.1	TEACCH (Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children)	24
3.4.2	ABA (Análise aplicada do comportamento)	25
3.4.3	ATE (Acompanhamento Terapêutico Escolar)	26
3.4.4	PECS (Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras)	27
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
4.1	Tipo de estudo	28
4.2	Local do estudo	28
4.3	Sujeito da pesquisa	29
4.4	Critérios de inclusão	30
4.5	Critérios de exclusão	30
4.6	Instrumentos e estratégias de coleta de dados	31
4.7	Riscos e Benefícios	32
4.7.1	Riscos	32
4.7.2	Benefícios	32
4.8	Análise dos Dados	32
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	34

		11
5.1	Perfil do aluno autista da sala de aula regular	34
5.2	Perfil da sala de aula e da classe	35
5.3	Perfil profissional da participante da entrevista	36
5.4	A visão da professora sobre autismo	36
5.5	O que se entende sobre inclusão escolar, e qual sua visão na inclusão da criança autista na sala de aula regular	38
5.6	O desenvolvimento do aluno autista no trabalho pedagógico do professor	39
5.7	A família no desenvolvimento da aprendizagem da criança autista	39
5.8	Métodos pedagógicos aplicados para a aprendizagem da criança autista	40
5.9	As dificuldades no trabalho pedagógico com o aluno autista	41
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
7	CRONOGRAMA	46
8	REFERENCIAS	47
	APÊNDICE 1–TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	51
	APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO	53

1 INTRODUÇÃO

A ideia para desenvolver essa pesquisa surgiu do meu interesse pessoal pela área da psicopedagogia e minha participação na disciplina de estágio em educação infantil, onde me deparei com um aluno com aspectos de autismo e que este não recebia nenhum auxílio por parte do professor regente da turma, em sua inclusão a sala de aula regular, passando todos os dias de seu convívio escolar na sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Nesse sentido, se pode perceber a necessidade de pesquisas no contexto escolar nos assuntos relacionados à inclusão, e até mesmo sobre métodos pedagógicos que venham a contribuir para o crescimento valorativo da inclusão da criança com autismo, não apenas restringindo-se a regras ou a “tabus” já impostos pela sociedade antiga, mas sim levando em consideração o contexto cultural e a diversidade humana, para que estas crianças não venham sentir princípios preconceituosos e para uma educação voltada ao respeito às diferenças, a partir de cada uma de suas habilidades e capacidades individuais, preparando os alunos para o exercício da cidadania.

Diante dos vários questionamentos acerca da situação de inclusão do ambiente escolar é importante dialogar sobre algumas questões para que desenvolvam o conhecimento em relação ao respeito as diferença seja ela intelectual ou física, seja em atividades propostas pela professora ou até mesmo no convívio escolar. Onde cada criança possui características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhes são próprios. Os sistemas educativos devem ser projetados e os programas ampliados de modo que tenha em vista toda gama dessas diferentes características e necessidades. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

O presente estudo formou-se a partir de um projeto de pesquisa acadêmica, para atender ao requisito de conclusão do curso de Pedagogia, ao qual tem como tema as habilidades e estratégias desenvolvidas pelo professor no exercício de um ensino voltado a inclusão de um aluno com autismo em classe regular.

O autismo também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo este um Transtorno Global do Desenvolvimento, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2002), caracteriza-se por uma série de condutas comportamentais como: a frágil interação com outras pessoas; comportamentos restritos, estereotipados, ritualizados; e a limitação ou ausência de comunicação verbal. Por estas características se faz necessário uma abordagem

cautelosa de forma adequada e eficiente para que esta criança tenha um bom desenvolvimento durante sua vida social e acadêmica.

Segundo Barbosa (2007) a educação infantil se configura em um dos espaços contemporâneos de socialização das crianças desde muito pequenas, permitindo as mesmas a interiorização de normas, valores, funções cognitivas, conhecimentos e prática pela convivência com novos sujeitos de interação. Desta forma, a qualidade dessa primeira experiência provavelmente influirá na adaptação social nos anos escolares subsequentes.

A inclusão escolar tem como principal objetivo inserir alunos diversos, crianças, adolescentes ou adultos independentes do grau de comprometimento social e cognitivo no contexto escolar. Sendo a Política Nacional de Educação Inclusiva elaborada para possibilitar alunos a aprender a partir de suas habilidades e capacidades, tendo como intuito diminuir preconceitos e estimular a socialização em contato com outras pessoas, onde todos possuem seu desenvolvimento individual. (BRASIL, 2015)

Quanto à relevância social é importante ressaltar que a inclusão de pessoas com deficiência sendo ela física, mental, intelectual ou sensorial se faz necessária, pois a educação de acordo com LEI Nº 9.394, para todos é um direito, não um favor. Muitas vezes a boa vontade se faz presente na prática pedagógica se propondo a incluir um aluno com autismo, porém apenas boa vontade não é o suficiente. Estudar em uma instituição capacitada para atender as diversidades, ter um professor habilitado para este atendimento inclusivo, e participar crescentemente da dinâmica escolar é um direito da pessoa com deficiência. No entanto, a inclusão não acontece sem as parcerias entre Estado, comunidade escolar, família, suporte do Atendimento Educacional Especializado (AEE), equipe da saúde e da própria pessoa com deficiência (BRASIL, 1996).

No seu Art. 2º, diz que: O AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem. Parágrafo único. Para fins destas Diretrizes, consideram-se recursos de acessibilidade na educação àqueles que asseguram condições de acesso ao currículo dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, promovendo a utilização dos materiais didáticos e pedagógicos, dos espaços, dos mobiliários e equipamentos, dos sistemas de comunicação e informação, dos transportes e dos demais serviços. (BRASIL, 2009, p. 1)

Sendo assim, o interesse por este tema de pesquisa desponta como um meio para desenvolver e possibilitar a produção de novos conhecimentos com base científica, sendo a inclusão uma proposta recente e as discussões se fazem necessárias, pois um

dos principais objetivos dos educadores é preparar os alunos para o exercício da cidadania, logo não se torna coerente formar cidadãos que não aceitam as diferenças.

Neste presente estudo irá ser apresentada uma breve discussão com conceitos sobre o tema em questão, as dificuldades e desafios encontrados pelo professor na inclusão do aluno com autismo, procedimentos de intervenção utilizados pelo professor que podem contribuir ao inserir a criança autista no ambiente escolar e então na obtenção de dados a respeito do conhecimento do professor em relação ao transtorno em questão.

Para finalizar, buscou-se apresentar estudos de forma teórica, com uma metodologia qualitativa e fazendo uma análise dos conhecimentos utilizados pelo professor do ensino fundamental em relação à inclusão do aluno com autismo, e se este utiliza de métodos de intervenções inclusivos no contexto da sala de aula, quais recursos foram utilizados e quais as dificuldades foram apresentadas ao trabalhar com a criança com o Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD).

Neste sentido a pesquisa está orientada pela seguinte questão: quais as perspectivas e características investigadas pelo professor em sua prática inclusiva com a presença de um aluno autista?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar as práticas docentes inclusivistas de uma professora em uma turma regular do 2º ano do ensino fundamental na escola municipal com a presença de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

2.2 Objetivos específicos

- Discutir a perspectiva inclusiva para pessoas com deficiências, com ênfase aos autistas.
- Identificar as metodologias de intervenção pedagógicas utilizadas pelo professor para facilitar a inclusão escolar do aluno com Transtorno do Espectro Autista em sala de aula regular.
- Analisar a relação professor-aluno no desenvolvimento das práticas pedagógicas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Conceituando a Inclusão Escolar: Breves Considerações

O paradigma da inclusão escolar almeja diminuir preconceitos, discriminações e desrespeito às diferenças, e estreitar relações ao interagir em sociedade. Sendo assim, seu objetivo é incluir alunos independente de raça, cor, nível econômico e cognitivo ao meio em que vive. Portanto, de acordo com Sasaki (1997), a inclusão é:

(...) o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais, e simultaneamente estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos. (SASSAKI, 1997, p. 41)

A inclusão teve seu marco inicial em meados da década de noventa, iniciando discussões sobre o tema em diversos países por convenções internacionais afins. A Convenção Mundial de Educação, em 1990, teve como foco a inclusão escolar, tornando leis que hoje passaram a ser garantia de direitos e deveres da educação a todos.

A inclusão se faz presente no tratamento que as pessoas com deficiências recebem perante a sociedade. De acordo com este contexto, as instituições religiosas de início são as responsáveis por dar abrigo a essas crianças até então chamados de “defeituosas”, em outro momento essa responsabilidade fica a mercê das instituições estatais, porém, não havia o interesse em incluir essas crianças na sociedade, mas sim, uma forma de excluí-los do contexto social, “armazenando-os” em abrigos, prisões, asilos e centros de recuperação, onde durante muito tempo, infelizmente, estas eram chamadas de instituições para reabilitação e integração, porém sua realidade não tinha o devido objetivo. (RODRIGUES, 2006)

Ao falar de inclusão escolar, uma escola de todos para todos, em uma perspectiva de diversidades, a inclusão não tem como objetivo negar a deficiência, nem tampouco negar as diferenças, tendo como um dos principais objetivos possibilitar paradigmas que o indivíduo com deficiência, como a TEA também é ser capaz. E que as diversidades são também possibilidades, no entanto ter alguma deficiência é também ter o direito de mostrar suas potencialidades. (LIMA, 2006):

Não estamos negando a existência da deficiência, mas estamos negando que uma pessoa com deficiência seja deficiente. Não estamos negando que uma deficiência fuja do padrão de normalidade atualmente aceito, mas estamos negando a possibilidade de que, por conta dessa normalidade, se exclua pessoas com deficiência da sociedade. Também não estamos negando a existência das diferenças, porém estamos refutando a existência de “deficiências” menores (LIMA, 2006, p. 62).

Dos direitos de acordo com as políticas educacionais, a educação é um direito de todos, portanto para que esse processo possa ser realizado faz necessário que essa política educacional inclua realmente a todos os alunos e alunas de acordo com suas individualidades, a Lei nº 10.172/01 que instituiu o Plano Nacional de Educação (PNE) tem o objetivo de reforçar sobre a inclusão de pessoas com deficiência que deve acontecer no sistema regular de ensino “[...] a educação especial, como modalidade de educação escolar, terá que ser promovida sistematicamente nos diferentes níveis de ensino.” (BRASIL, 2001, p. 126).

Com o intuito de propagar os conceitos e diretrizes sobre a inclusão, o Ministério Público Federal publica em 2014 o documento ‘O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular’, considerando o direito e os benefícios da escolarização de alunos com ou sem deficiências nas turmas de ensino regular. (BRASIL, 2014, p. 85)

Nos dias atuais a mídia pública do Ministério da Educação (MEC) faz propaganda sobre uma educação de qualidade para todos, porém ainda dentro do século XXI não se chega a um consenso sobre o que seria de fato esta educação de qualidade para todos. Segundo Alves (2002), uma educação inclusiva pressupõe esta educação, não apenas do ponto de vista da quantidade, mas também da qualidade do ensino e aprendizagem. Sendo assim Alves faz refletir que todos os alunos, inclusive os com deficiências tem o direito de conhecer e de se apropriarem de todos os conhecimentos para que consigam estar inseridos nas realidades presentes na sociedade.

Sasaki (1997) afirma que:

O processo de inclusão, como veementemente venho enfatizando, é um processo de construção de uma sociedade para todos, e dentro dessa sociedade um dos direitos básicos de todo ser humano é a aspiração à felicidade ou, como outros lhe preferem chamar, à qualidade de vida (p.33).

Uma educação inclusiva é uma realidade concreta na política educacional, porém, é uma problemática quando discutida pelos currículos de formação de professores, pois essa lógica não consegue responder muitas expectativas (PEREIRA ET. AL., 2015).

Contudo, incluir é a possibilidade de eliminar preconceitos, discriminação, respeitar as diferenças e as diversidades culturais, étnicas, raciais e intelectuais. Incluir significa a garantia de espaço para todos, respeitar o outro como ele é e por fim possibilitar que todos com suas diferenças e suas capacidades individuais possam utilizar de direitos sociais, políticos e culturais.

Todas as crianças são iguais perante a lei, com a conseqüente ideia de que a inclusão das crianças as margens do sistema escolar deve ser feita a qualquer custo, assim no campo da educação especial, afirma-se com veemência que se as crianças são iguais perante a lei, então todas, devem estar na escola. Inclusão a todo custo, é esse o lema. (KUPFER, 2010)

Porém, a inclusão de alunos com deficiência no âmbito escolar, para profissionais da área, no caso os professores, não é uma tarefa fácil, no entanto se faz necessário buscar de novos conhecimentos para então conhecer novas formas ou métodos de ensino para que possam trabalhar de forma significativas com crianças com autismo, tornando possível seu desenvolvimento intelectual e cognitivo, para uma vida social qualificada.

3.2 Conceituando o Autismo: Breves Considerações

“O termo ‘autista’ deriva do grego ‘autos’, que significa é ‘por si mesmo’ e, ‘ismo’, condição ou tendência”, segundo Cunha (2012, p.20), termo esse usado pela psiquiatria para evidenciar um comportamento humano que se concentra em si mesmo, esta palavra “Autista” foi criada em 1911, pelo psiquiatra Eugene Bleuler, é relativo a um sintoma da esquizofrenia.

Também chamada por Transtorno do Espectro Autista (TEA) sua descoberta deu-se há pouco tempo no contexto da psicopatologia do desenvolvimento, de início foi considerada uma doença relacionada com a interação com outras pessoas, no caso dos bebês tendo problemas relacionados entre mães e bebês e, sua causa era tida por fatores ambientais, de acordo com as considerações do psicanalista Bruno Bettelheim. No entanto, contemporaneamente o autismo é considerado como fator de ordem multifatorial, de origem neurológica. (MOREIRA, 2005)

Leo Kanner foi um dos primeiros estudiosos com o foco no autismo, tendo início em 1943, quando observou e descreveu o caso de onze crianças autistas, Kanner nomeou o autismo inicialmente como “Distúrbio Autístico do Contato Afetivo”, os traços apresentados por Kanner, de acordo com Orrú eram:

Incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir de uma seqüência limitada de atividades ritualizadas. (2012, p. 19)

Seu estudo identificou que os sintomas do autismo eram diferentes das outras síndromes infantis, como a esquizofrenia, e observou que esta por sua vez acompanha a criança desde seu nascimento, nos sintomas de, não ter ou conseguir manter contato visual, não manifestar mudança na expressão facial mesmo com estímulos vindos do ambiente, problemas no desenvolvimento da fala, dificuldade de generalizar conceitos,

de usar o pronome eu, na maioria das vezes ignoram o que lhe é perguntado, não aceitam alguns alimentos, ingerem objetos não comestíveis, como, lápis e sabonete, por exemplo, possuem comportamentos repetitivos, criam rotinas, tendem a ter sensibilidade, para mais ou para menos, dos sentidos, podem ser propícios a crises ansiosas diante de grandes mudanças ou alterações das rotinas.

Kanner (1943) observou que o autismo era mais encontrado em lares com problemas afetivos e, que por isso, durante muito tempo, pensou-se que a causa do transtorno estava relacionada a problemas psicológicos, já que não viam possibilidades de ser por fatores biológicos, que coincidissem com testes médicos da época.

Com as pesquisas de Kanner, começaram a surgir outros estudiosos a partir de suas ideias, surgindo com estes algumas mudanças relacionadas ao comportamento do autista e sua origem, sendo assim relacionando ao Transtorno do Espectro Autista um déficit cognitivo e social, não mais sendo considerado como um estado psicótico e sim como um distúrbio do desenvolvimento, sendo apresentados neste momento mais sintomas da síndrome, com estas considerações o autismo passa a não ter mais um conceito preestabelecido, pois estar em constantes mudanças, porém a maioria de seus sintomas comportamentais é de dificuldades de interação social, comunicação e na realização de cumprir tarefas.

[...] indivíduos com autismo aparentam ter dificuldades na área cognitiva de funções executivas. Essas funções são um conjunto de processos neurológicos que permitem que a pessoa planeje coisas, inicie uma tarefa, controle-se para continuar na tarefa, tenha atenção e, finalmente, resolva o problema. (SILVA, 2012, p. 41)

Apesar de todo o avanço sobre o transtorno, a causa do autismo ainda é tema de muitas discussões científicas. No entanto, não exclui o diagnóstico neurobiológico, que as “várias patologias associadas com o TEA suportam a hipótese de que as manifestações comportamentais no autismo podem ser secundárias a uma grande variedade de insultos ao cérebro” (ROTTA, 2007, p. 427).

Por estas características comportamentais de interação, os primeiros sintomas do autismo são identificados nos três primeiros anos de vida já que seus sintomas envolvem a fala. Porém também podem apresenta habilidades motoras ou musicais de memórias.

O desenvolvimento cognitivo da criança, Jean Piaget (2007) afirma que o sujeito é o principal responsável pelo seu processo de aprendizagem, ou seja, o indivíduo determina seu conhecimento através de suas ações, sendo elas positivas ou negativas,

porém este contexto não ocorre com crianças autistas, seu desenvolvimento cognitivo se destaca de forma não padronizada e diferente.

A criança considerada normal, responde a seus estímulos naturais, ou seja, quando está com fome ou com dor, ela chora, já o indivíduo com autismo não possui estas mesmas reações, pois tem de forma inconsciente o isolamento. Portanto esta criança não consegue desenvolver essa interação, muitas vezes se tornando agressivas e sem comunicação verbal.

A ausência do comportamento que representa dor, perigo e medo nas crianças autistas é despercebida. O desenvolvimento emocional é confuso, surgem sorrisos inesperados. Parecem ter uma capacidade restrita para exprimir afetos e entender emoções. (RODRIGUES, 2010, p. 22)

Contudo, o autismo é um transtorno complexo, pois apresenta uma grande variedade de sintomas, sendo difícil o acesso a um diagnóstico conceitual. Onde se podem perceber avanços nas pesquisas e sua importância para os pesquisadores em questão, sendo caracterizadas diversas teorias que tentam explicar o TEA.

Atualmente não se pensa no autismo como uma doença incurável, como muitos diziam e já é impossível se falar de atendimento às pessoas com autismo sem considerar o ponto de vista pedagógico, em que estes indivíduos necessitam de instrução e auxílio ao interagir com a sociedade, e que é através dessa interação com outras pessoas que não são seus familiares, que os indivíduos passam a ter uma vida em sociedade e assim podendo desenvolver suas competências cognitivas e sociais.

O fato das crianças autistas adentrarem em escolas regulares, de acordo com as estatísticas terem aumentado, já é um grande avanço na inclusão educacional, porém estar na escola em classe regular, não significa que este aluno foi incluído. É de suma importância que ele participe de todo processo educacional e que seja aceito por todos como alguém que, apesar das limitações, aprende. Sendo o docente um dos principais responsáveis por promover a participação deste aluno no contexto escolar, onde este é o que tem maior convívio com a criança na escola, sendo necessário que a escola em geral e todos os que nela participam desde a direção até os auxiliares tenham um olhar voltado para o aluno e não para o transtorno.

Porém vale ressaltar, que as crianças com TEA, apesar de frequentarem as escolas, estas não abrangem todas as instituições de ensino, isso se dará por ser notável o despreparo de muitos professores ao atender esses alunos com deficiência neste novo método que é a inclusão na sala de aula regular, por este motivo a importância de investir em formação continuada, dessa forma assegura aos alunos um direito a uma

educação de qualidade, para que estes sejam incluídos no contexto social evitando a evasão destas crianças do ambiente escolar.

3.3 O Professor no Processo de Inclusão Escolar de Alunos Autistas

Salvador (1994) destaca a interação entre professor e aluno, identificando a importância do docente como principal sujeito nesta teia de relação no contexto escolar, sendo este para o aluno com autismo, o motivador para uma pessoa de melhor convívio, estabelecendo assim uma interação com a sociedade.

Devido à carência de profissionais qualificados para o diagnóstico e um ensino e aprendizagem adequada às crianças com autismo, se torna difícil o diagnóstico e os cuidados eficazes para estes alunos, pois quanto antes diagnosticado, melhor é seu desenvolvimento:

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área. (SANTOS, 2008, p. 9)

De acordo com a lei 12.764/12 (Brasil, 2012) é garantido e assegurado que alunos com Transtorno do Espectro Autista tenham direitos a adentrarem a uma escola de ensino regular.

A lei 12.764/12 assegura aos autistas os benefícios legais de todos os portadores de deficiência, que incluem desde a reserva de vagas em empresas com mais de cem funcionários, até o atendimento preferencial em bancos e repartições públicas. (BRASIL, 2012)

Pode se perceber o grande avanço na legislação no que diz respeito à inclusão de alunos com autismo, sendo assegurados seus direitos ao serem aceitos nas escolas de ensino regular, sendo que é necessário que todos entendam que o direito a inclusão escolar gera uma sociedade mais justa e com respeito às diferenças, tornando um mundo melhor, o que diz respeito à convivência.

Neste sentido faz-se de extrema necessidade que a formação de professores seja cada vez mais integralizada com as realidades voltadas a uma educação inclusiva. Este profissional precisa ter um olhar voltado às necessidades de se reorganizar frente às demandas que seus alunos expõem dentro da sala de aula cotidianamente, seja essa criança com ou sem deficiência.

Esse profissional da educação como todos os envolvidos nelas, deve ser o principal precursor no combate a todos os tipos de preconceitos e/ou discriminação ao receber qualquer aluno, sobretudo os alunos com deficiência, neste caso as crianças com TEA. O professor precisa se conscientizar de que é um construtor de opiniões junto aos alunos, devendo promover tudo o que for necessário para que estas crianças alcancem suas realizações e assim possam contribuir de forma significativa para uma sociedade melhor. Moraes (2014) afirma em sua perspectiva da qualidade de vida em sala de aula:

(...) existe o preconceito por parte da sociedade na qual muitas vezes são criados mitos e inverdades a cerca desse transtorno. Assim sendo, compreender o autismo é abrir mão de conceitos previamente formulados, é lançar-se em um mundo desconhecido e misterioso, mas para tanto é preciso atuar de forma ética e comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dessas pessoas. (p.10)

Cabe também ao educador adaptar e preparar os demais alunos para a melhor inclusão do aluno com autismo no contexto escolar, já que este é o que convive maior parte de tempo com o aluno na escola em seu cotidiano, e se torna responsabilidade do professor à atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam (SANTOS, 2008, p.30).

Neste sentido ao abordar sobre a inclusão o tema formação de professores sempre está nas pesquisas, tendo como abordagem teórica a política acerca da Educação Especial e a formação do professor, o que se atribui a formação inicial e continuada (JESUS; BARRETO; GONÇALVES, 2015).

Está capacitação da formação continuada se torna essencial, conforme vem sendo discutida através da Resolução CNE/CEB n 2/2001 junto com o Plano Nacional da Educação (2001) em que aborda que todos os docentes têm como direito a formação continuada para que seus conhecimentos possam estar sempre em desenvolvimento, podendo assim ter condições qualificadas para se trabalhar com alunos com deficiência, neste caso crianças com TEA.

No que se pode discutir sobre a formação inicial e continuada há certa carência para se trabalhar com a inclusão, principalmente com alunos autistas, ou seja, com a Educação Especial. Neste sentido, esta formação é relevante para assegurar uma melhor qualidade de ensino, em um contexto mais inclusivo é importante para promover a compreensão e uma vivência da diversidade, para assim construir uma proposta educacional que atenda todos os alunos de acordo com sua especificidade (OLIVEIRA; SOUZA, 2011).

Nesta formação se tem como um escape para que professores pudessem ter um olhar mais crítico e reflexivo sobre suas práticas de ensino, na qual se possibilita pensar no valor dessa formação para a sua profissão, pois é necessário que o professor acredite no potencial dos alunos com autismo, apreciando situações que precisam ser modificadas, como por exemplo, adaptar material, suas metodologias e suas avaliações (ANTUNES; TECH; ÁVILA, 2016).

Todo professor precisa estar preparado para a sala de aula, onde irá se deparar com as necessidades de cada aluno com diferentes habilidades e dificuldades, sendo este com deficiência ou não. No entanto, é de suma importância que estes profissionais da educação possam adquirir os princípios da educação inclusiva com ênfase na educação continuada durante a formação inicial, pois esse educador é parte importante durante esse processo do desenvolvimento da criança. Portanto, precisa se compreender do fato que professores da educação básica, os professores do ensino superior, em sua maioria, não apresentam formação para incluir, e reconhecem a necessidade da busca por informações quanto à inclusão, segundo Vilela-Ribeiro e Benite (2010).

Sendo assim, a formação de professores é um fator imprescindível neste processo de inclusão para uma melhoria na qualidade de ensino e aprendizagem, não só para alunos com deficiência, porém, são necessárias ações que ajudem no desenvolvimento dessa formação.

Com tudo, se faz necessário que o educador esteja disposto a exercer suas devidas tarefas independente de dificuldades encontradas na sua trajetória, suas práticas educacionais devem estar adequadas e preparadas de acordo com as necessidades e particularidades de cada aluno, sendo este com alguma deficiência ou não. Com isto é fundamental este professor se manter atualizado e não apenas se acomodar a suas práticas de ensino, mas sempre procurar desenvolver habilidades com leituras e se especializando com novos conhecimentos para o desenvolvimento de seu trabalho de forma a não ser surpreendido ao se deparar com uma criança com o Transtorno do Espectro Autista, sendo este um profissional de qualidade e preparado, em uma perspectiva tanto profissional como cognitiva.

Desta forma o professor se constitui no processo de desenvolvimento do aluno com autismo que por sua excelência interfere de maneira direta na formação cognitiva, social e cultural destas crianças, logo se torna o principal responsável por sua formação integral, fazendo necessário que as escolas tenham professores capacitados e cientes de que a educação é para todos, não podendo ser negligenciada por qualquer tipo de

deficiência que esta criança apresente. O aluno com autismo por conta de toda sua realidade, que abarca o transtorno que lhe atinge, tem necessidades de uma atenção maior e com o carinho adequado por parte do professor, sendo a interação professor-aluno se torna de fundamental importância para uma conscientização e adaptação do docente as realidades e necessidades do aluno autista, para torna a pessoa do educador, mais próximo de si e assim se sentir seguro para caminhar passos mais longos.

3.4 Métodos de Intervenção Escolar para Crianças com Autismo - Breves Discussões Sobre os Métodos

Métodos de intervenção visão proporcionar aos alunos com autismo, dentre suas habilidades e potencialidades, na estimulação do seu desenvolvimento de independência, a previsibilidade e a comunicação são os principais pontos que fazem parte desses métodos.

Atualmente, existem diversos métodos de intervenção escolar para se trabalhar com crianças autistas ou com algum tipo de deficiência e/ou dificuldades de fala, embora não haja, até o momento, um guia clínico que determine qual estratégia e/ou sistema de comunicação seja o mais efetivo para indivíduos com autismo e/ou outras dificuldades de fala (FLIPPIN; RESKA; WATSON, 2010).

Dentre diversos tipos de intervenção iremos abordar com breves discursões alguns principais como o método de TEACCH (Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Déficits Relacionados à Comunicação); ABA (Análise aplicada do comportamento); ATE (Acompanhamento Terapêutico Escolar) e PECS (Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras).

3.4.1 TEACCH (Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children)

Ao se deparar com uma inclusão escolar com diversas dificuldades, este é uma das formas que visa proporcionar, dentre suas potencialidades, como facilitador para alunos autistas ajudando assim no convívio com outras crianças, TEACCH (Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Déficits Relacionados à Comunicação). Envolve as esferas de atendimento educacional e clínico.

Desenvolvido em 1966, pelo Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina na Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, atualmente

utilizado por muitas instituições brasileiras, sendo idealizado pelo Dr. Eric Shopler e colaboradores. Projeto este desenvolvido para atender as crianças autistas e com outros tipos de distúrbios no desenvolvimento.

O método TEACCH utiliza uma avaliação denominada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliar a criança e determinar seus pontos fortes e de maior interesse, e suas dificuldades, e, a partir desses pontos, montar um programa individualizado. O TEACCH se baseia na adaptação do ambiente para facilitar a compreensão da criança em relação a seu local de trabalho e ao que se espera dela. Por meio da organização do ambiente e das tarefas de cada aluno, o TEACCH visa o desenvolvimento da independência do aluno de forma que ele precise do professor para o aprendizado de atividades novas, mas possibilitando-lhe ocupar grande parte de seu tempo de forma independente (BRASIL, 2003).

Deste modo este método é uma forma de adaptar o ambiente em que vive, para tornar mais acessível à compreensão do aluno com autismo, através de rotinas organizadas em quadros, painéis ou agendas, com o objetivo de proporcionar a criança com TEA formas de adaptação no ambiente escolar. Porém é de importância ressaltar que o aluno autista precisa ser analisado de forma individual, já que está pode apresentar o mesmo diagnóstico, mas com suas dificuldades e habilidades diferenciadas.

Seus objetivos principais são basicamente: Ensinar a relação entre causa e efeito; Incentivar a comunicação; Ensinar habilidades para a vida adulta; Promover o máximo de independência reduzindo a ajuda do adulto; Promover clareza e sinalização do ambiente e tarefas; Apresentar visualmente instruções; Organizar a noção de fim; Manter a Rotina com flexibilidade; Respeitar a individualidade e então Ensinar habilidades em situações as mais próximas das naturais, segundo a revista Desafios do Aprender, 2013.

Vale ressaltar da importância deste método pra auxiliar os pais ou responsáveis, ajudando nas suas necessidades e atendimentos, já que este método é de fácil compreensão, sendo necessário salientar que a família deve estar sempre presente nesses processos de desenvolvimento da criança, no qual também se faz importante à organização desse espaço em casa, assim o aluno se sentira mais seguro e sentindo-se melhor familiarizado, tornando o espaço de fácil adaptação, não apenas valorizando os pontos positivos da criança com autismo, mas também ajudando no desenvolvimento de suas habilidades de competências, sendo esta da comunicação e de interação.

3.4.2 ABA (Análise aplicada do comportamento)

Outro método de intervenção utilizado é a Análise Aplicada do Comportamento ou ABA é usada para a compreensão do comportamento e vem sendo amplamente utilizada no atendimento a pessoas com autismo. Possui como principal objetivo

desenvolver nas crianças com autismo habilidades por etapas, sendo estas, habilidades que ele não possui, no geral cada habilidade será aplicada individualmente associada a uma instrução.

Este trabalho com crianças com autismo irá desenvolver a integração no seu ambiente, neste caso o espaço escolar, da qual ela faz parte. Para isso, a intervenção precisa ser planejada e executada cuidadosamente, abrangendo as atividades das crianças em todos os ambientes frequentados por ela: escola, casa, lazer, etc..

No entanto, os pais e/ou responsáveis e profissionais que lidam com as crianças devem receber treinamento em análise do comportamento, se tornando hábeis na produção e manutenção de comportamentos adequados e nas técnicas para redução de frequência dos comportamentos inadequados, além de se tornarem aptos a avaliar o desenvolvimento da criança passo a passo. Caso a criança frequente a escola, acompanha seu comportamento no ambiente acadêmico, favorecendo uma mudança mais rápida.

ABA é caracterizada pela coleta de dados antes, durante e depois da intervenção para analisar o progresso individual da criança e auxiliar na tomada de decisões em relação ao programa de intervenção e às estratégias que melhor promovem a aquisição de habilidades especificamente necessárias para cada criança (BAER, WOLF; RISLEY, 1968, 1987; HUNDERT, 2009).

3.4.3 ATE (Acompanhamento Terapêutico Escolar)

O acompanhamento terapêutico escolar (ATE) é uma prática que tem sido utilizada no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais (PEGORELLI, 2011). Fráguas e Berlinck (2001) descrevem que o trabalho do acompanhante consiste em estar com a criança dentro e fora da sala de aula, sempre buscando integrá-la ao grupo e levá-la a um envolvimento com as atividades propostas pelo professor, observando e respeitando seus limites e suas potencialidades.

Para Assali, Rizzo, Abbamonte e Amâncio (1999), o acompanhante precisa trabalhar descobrindo o universo da criança e, com isso, construir condições para que ela possa frequentar a escola e aproveitar esse momento de modo particular. O papel do acompanhante, a rigor, é auxiliar as crianças com dificuldades, como o autismo, atuando como mediador e facilitador do processo de inclusão (BARROS & BRANDÃO, 2011).

Kupfer (1997) aponta que a intenção com esse processo é aproveitar o potencial terapêutico que está presente em todo ato educativo voltado para o

sujeito. Kupfer e Petri (2000) afirmam que “a inclusão produz ainda efeitos terapêuticos para a criança cuja subjetivação encontra obstáculos que um velho pátio de escola ainda pode ajudar a transpor” (p. 115)

Portanto, o papel do Acompanhante Terapêutico Escolar (ATE) dar-se-á sobre uma criança com complexidades de diversos modos, especialmente simbólicas, e se para a emergência, retomada e fortalecimento do sujeito. Em que o ATE buscar seu objetivo com uma prática de auxílio nesse processo de inclusão escolar, tornando este aluno com autismo mais subjetivo encontrando assim possibilidades de se encontrar em sua singularidade, sendo a escola responsável de proporcionar a educação de qualidade e promover a inclusão no seu meio social (PARRA, 2009).

3.4.4 PECS (Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras)

Esse sistema de comunicação PECS (Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras) foi desenvolvido com o objetivo de estimular as crianças e adultos com TEA e com outros distúrbios do desenvolvimento, a desenvolver habilidades de comunicação e conseqüentemente ajuda-los a adquirir habilidades de interação com outras pessoas, esse método foi utilizado primeiramente com pessoas que possuíam dificuldades de comunicação ou não se comunicava.

A PECS, e sua implementação consiste em basicamente seis fases:

[...] 1) Fazer pedidos através da troca de figuras pelos itens desejados; 2) Ir até a tábua de comunicação, apanhar uma figura, ir a um adulto e entregá-la em sua mão; 3) Discriminar entre as figuras; 4) Solicitar itens utilizando várias palavras em frases simples, fixadas na tábua de comunicação; 5) Responder à pergunta O que você quer; 6) Emitir comentários espontâneos (BONDY; FROST, 2001).

Nesse sentido a PECS tem como principal objetivo para as crianças com autismo desenvolver habilidades de comunicação para que ela entenda que pode conseguir as coisas que deseja, muito mais rápido através da comunicação, estimulando-as assim a se comunicarem.

PECS, assim como outras técnicas da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), possibilitam estimular pessoas com deficiência e com dificuldades de se comunicarem, a se expressar de forma mais organizada melhorando as relações com a sociedade, possibilitando as crianças a sentirem-se mais compreendida e aceita por quem a rodeia.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Tipo de estudo

A abordagem da pesquisa se definirá como qualitativa. Tendo em vista que este tipo de pesquisa, segundo Taylor e Bogdan (1984), tem como objetivo compreender e interpretar determinados comportamentos do tema em questão, a opinião e a perspectiva dos indivíduos envolvidos no estudo, sendo construída a realidade social por definições tanto individuais como coletivas.

Optou-se por pesquisa qualitativa por esta ter o propósito dominante da compreensão, explanação e especificação do fenômeno (TAYLOR; BOGDAR, 1984).

Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados (PISSETTE, 2010, p. 137).

Tendo em vista que esta técnica de observação utilizada nesta pesquisa é capaz de captar os comportamentos dos participantes envolvidos, tendo um alto grau de detalhes do ambiente físico e do ambiente social, segundo Danna (1986), porém suas desvantagens são tidas por se utilizar bastante tempo, tornando dificultosa a interpretação pelo observador, no entanto esta observação trará todo o detalhamento da atuação do docente ao incluir o aluno autista em sala de aula.

A pesquisa também será exploratória que segundo Bervian, Cervo e Da Silva (2007) não requer a elaboração de hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre o assunto de estudo. Desta forma a pesquisa será realizada, buscando compreender as concepções de participação em uma escola municipal de Castanhal no estado do Pará. Sendo utilizado também o método da entrevista contendo perguntas previamente estabelecidas, sendo que esta não está limitada, tendo liberdade de contribuir com outras questões, mediante resposta dada pelo participante, levando em consideração o objetivo da pesquisa.

4.2 Local do estudo

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Emília Geminnez, onde está localizado na Rua Pedro Porpino da Silva, nº 4421, bairro São José, na cidade de Castanhal – PA. Antes sendo denominada, na sua fundação “Escola Municipal de 1º grau Prof.^a Emília Sosinho Gimenez” e então devido a Lei 9394/96, a escola passou a ser de Ensino Fundamental.

Em março de 1980, iniciaram-se as aulas na escola. A mesma tinha aproximadamente, 661 alunos matriculados, funcionando desde o pré-escolar (antes era chamado de casulo) e de 1ª a 4ª série do 1º grau, hoje ensino fundamental. Atualmente atende nos três turnos (manhã, tarde e noite) todas as modalidades de Ensino Fundamental, Educação Infantil e Educação de Jovens e Adultos-EJA, e se destacando nos últimos anos com a educação especial, onde havia se tornado uma escola que foi referência para alunos com deficiência. A escola possui 7 (sete) alunos matriculados diagnosticados com laudo indicando o autismo e todos com participação na sala do AEE.

A atuação da pesquisa ocorreu na sala do 2º(segundo) ano do fundamental, com crianças na faixa etária de 7 (sete) anos, tendo um total de 25 (vinte cinco) alunos aproximadamente, a escola abrange uma generosa quantidade de alunos.

4.3 Sujeito da Pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa proposta, foi observada e entrevistada uma professora da turma regular do ensino fundamental do 2º ano na Escola Municipal de Castanhal-PA, graduada em Pedagogia e pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado (AEE), que acompanha um aluno autista em seu processo de inclusão, em que o aluno possuía laudo médico indicando o autismo e estar frequentando regularmente a escola no 2º ano do ensino fundamental (sala regular). Em sala são aproximadamente 25 crianças ao todo com uma professora titular e uma mediadora do aluno com autismo. A escola possui coordenação pedagógica, que quando solicitada oferece apoio, mas em todo o processo da pesquisa não se fez necessário nenhum apoio pedagógico em relação à criança com autismo.

De acordo com a SEMED (Secretaria Municipal de Educação), em 2018, entre alunos com autismo que possui laudos médicos matriculados na Rede Municipal de Ensino em Castanhal são ao todo distribuídos na Zona Urbana total de 92 (noventa e dois) crianças com autismo e na Zona Rural são 5 (cinco) e nas creches de educação infantil 17 alunos com autismo, totalizando 114 (cento e quatorze) alunos com laudos médico indicando o autismo.

Segundo a Assessora responsável pela educação especial na rede pública de Castanhal, a maior dificuldade encontrada para promover a inclusão dos alunos com autismo, está na atitude de quem os recebe. Se ao chegar à escola, por exemplo, as primeiras observações feitas pelos profissionais da educação desta unidade estiverem

pautadas na deficiência e não na eficiência desses alunos e/ou nas dificuldades e não nas potencialidades dos mesmos, ficará difícil promover de fato a inclusão escolar. Antes mesmo de focar na deficiência e nas dificuldades dos alunos com TEA deve-se, primeiramente, procurar conhecê-los analisando suas funcionalidades de forma a contribuir no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, e então promover uma inclusão de qualidade. Deveriam também buscar suporte pedagógico com os professores da sala de recursos multifuncionais que realizam o atendimento educacional especializado (AEE), onde este suporte é dado em quase todas as escolas municipais.

A rede Municipal de Castanhal não possui um projeto de inclusão específico para a pessoa com autismo, pois o que é oferecido nas escolas da rede e a partir do plano de desenvolvimento individualizado, que consiste em estudo de caso e plano de ação realizado no atendimento educacional especializado (AEE) nas salas de recursos multifuncionais. O estudo de caso consiste em conhecer as dificuldades e potencialidades encontradas no aluno, partindo de uma entrevista com a família e professores e da avaliação pedagógica feita com o aluno na sala de recursos, enquanto que o plano de ação consiste em como essas dificuldades e potencialidades serão trabalhadas durante todo o atendimento, nele deverá conter: os objetivos do plano, as atividades e recursos que serão trabalhados durante o atendimento, as parceiras, as orientações para os profissionais da educação, etc. De acordo com a Secretaria Municipal de Educação de Castanhal, em 2018.

Foi realizada uma entrevista semiaberta com perguntas previamente estabelecidas. Os sujeitos foram esclarecidos e informados sobre os objetivos do estudo, o destino dado aos resultados, à garantia de sigilo das informações e de suas identidades.

4.4 Critérios de Inclusão

Indivíduo de ambos os sexos professores de turmas de ensino fundamental que lecionam em uma escola municipal da cidade de Castanhal-PA e que aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 01).

4.5 Critérios de Exclusão

Foram excluídos desta pesquisa professores que não trabalham no ensino fundamental na escola municipal da escolha da cidade de Castanhal-PA e não aceitaram assinar o TCLE.

4.6 Instrumentos e Estratégias de Coleta de Dados

A pesquisa foi realizada por meio de técnicas de observação *in loco*, tendo em vista que está poderia ser apropriada para registrar comportamentos e condutas dos participantes envolvidos, tendo um alto grau de detalhes do ambiente físico e do ambiente social, mas, segundo Danna (1986), suas desvantagens são tidas por se utilizar bastante tempo, sendo dificultosa a interpretação pelo observador, no entanto esta observação trará todo o detalhamento da atuação do docente ao incluir o aluno autista em sala de aula regular, assim elegeu-se um período de tempo, transversalizando-o, para dar conta do roteiro da entrevista em apêndice.

A observação ocorreu no dia 19 de Fevereiro de 2018 ao dia 30 de Março de 2018, que em determinados momentos, após a observação uma conversa em forma de entrevista era feita com a professora titular que interage com o aluno autista (Apêndice 02) contendo perguntas previamente estabelecidas, sendo que esta não é limitada, tendo liberdade de contribuir com outras questões, mediante resposta dada pelo participante, levando em consideração o objetivo da pesquisa. – os quais foram preenchidos ao decorrer da entrevista realizada pela pesquisadora - abordando perguntas sobre, na visão do professor o que se entende por autismo, qual sua opinião sobre a inclusão de alunos com espectros autistas na sala de aula regular, como é o desenvolvimento do aluno autista no trabalho pedagógico do professor, se a família colabora para o desenvolvimento da aprendizagem da criança, se este professor utiliza algum procedimento de intervenção com o aluno autista, na visão do professor como se dá o envolvimento do aluno especial com a turma e quais suas dificuldades e se este utilizou de recursos (ex. livros, revistas, internet.) para solucionar esta dificuldade. A coleta iniciou após a autorização da Diretoria da escola e do Comitê de ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará.

As entrevistas constituem por uma técnica alternativa para se coletar dados não documentados sobre determinado tema. (PÁDUA, 2000).

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores (...). Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico (MINAYO, 2002, p. 80).

Este estudo foi realizado seguindo as seguintes etapas:

- Levantamento dos professores na escola;
- Seleção da amostra;
- Entrevista durante a visita da pesquisadora à escola;
- Aplicação da entrevista, após a explicação dos objetivos da pesquisa e autorização da participante;
 - No término da entrevista as informações foram digitadas em um banco de dados do computador, o que auxiliou na interpretação dos dados e confecção dos resultados.
 - Foram analisados os resultados e comparados com a literatura específica, para que posteriormente fosse redigido o trabalho.

4.7 Riscos e Benefícios

4.7.1 Riscos

A pesquisa tem como risco mínimo a quebra de sigilo das informações pessoais dos entrevistados que serão coletadas. Porém, o pesquisador se compromete em guardar sigilo absoluto sobre estas informações.

4.7.2 Benefícios

A pesquisa tem como benefício, a contribuição para comunidade científica da área da educação, visto que será mais uma fonte de informação para posteriormente dar mais clareza sobre o papel docente na construção das identidades de gênero de alunos da educação infantil.

4.8 Análise dos Dados

Para chegar ao resultado da pesquisa, foram analisados os dados de estudos através dos dados coletados da técnica de observação e das respostas coletadas da entrevista e suas anotações, com os quais se buscou levantar questões pertinentes ao estudo de caso.

Sendo a interpretação dos dados, com o objetivo de mostrar técnicas e ferramentas utilizadas na pesquisa, destacando casos mais relevantes e significativos observados no campo, em seguida foi realizada uma análise detalhada dos dados obtidos, para que assim os resultados fossem publicados.

O estudo foi realizado em uma instituição educacional de ensino público municipal da cidade de Castanhal-PA, em uma turma das séries iniciais do 2º ano (A) do fundamental, com crianças aproximadamente na faixa etária de 7 (sete) a 8 (oito) anos de idade.

Foram realizados relatórios semanais das observações, relatando o cotidiano da prática educacional de intervenção da professora e aspectos do seu desenvolvimento perante sua intervenção com o aluno autista e a turma. Procurando analisar a interação da criança com o meio educacional, com as pessoas ao seu redor e se era incluída ou apenas integrada na sala de aula regular.

A entrevista foi elaborada com a professora titular da turma, com perguntas previamente elaboradas de acordo com o tema em questão, buscando saber quais as dificuldades encontradas ao incluir o aluno autista, qual metodologia a professora utiliza ao provocar a interação deste aluno com a turma e se a família participa ativamente com o desenvolvimento da criança. Posteriormente tentei contato com os pais do aluno, mas estes se recusaram ao atendimento, alegando estarem ocupados devido ao trabalho.

Na sala de aula de Lucas (nome fictício da criança observada), são aproximadamente 25 (vinte e cinco) crianças ao todo, uma professora e a mediadora de Lucas. A escola possui coordenação pedagógica, que quando solicitada oferece apoio, mas em todo o processo da pesquisa não houve necessidade de apoio pedagógico em relação à criança com autismo.

Reunindo as informações obtidas e lhes dando sentido, procurei analisar os dados coletados neste estudo, buscando respostas significativas às questões da pesquisa. Deste modo, foram realizados os seguintes passos na análise dos resultados:

Pró-análise: Realização da leitura flutuante dos dados contidos nos Relatórios Semanais. Nesta fase, procurei estabelecer contato com os documentos para posterior organização e sistematização das ideias;

Exploração do Material: Este período consistiu essencialmente em operações de codificação dos Relatórios Semanais. Este processo contou com a Numeração das Unidades de Registro encontradas nos Relatórios Semanais das aulas, preocupando-se sempre com a exaustividade e rigor na exploração do material.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Perfil do Aluno Autista em Sala de Aula Regular

Participou da observação para a análise dos dados, uma criança diagnosticada com laudo indicando o autismo de grau médio, está devidamente matriculada na instituição de ensino há três anos, e a dois cursando o 2º (segundo) ano do ensino fundamental menor, pois no ano anterior ficou retido por não identificarem desenvolvimento no aluno, a criança é do sexo Masculino, com 8 (oito) anos de idade completo.

O aluno foi chamado de Lucas (nome fictício), este vai a escola todos os dias, não possui comunicação verbal com as professoras envolvidas com ele ou com a classe, nem com a mediadora a quem auxilia Lucas todo seu período durante a escola, não tem coordenação motora para escrever, possui uma alta dificuldade em desenvolver tarefas, ao observar o aluno, percebo que quando este está alegre emite sons como se estivesse cantando (única manifestação de sons que a criança demonstrou no período observado), em um diálogo com a professora ela informou que no início Lucas tinha dificuldades com o barulho dos colegas na sala de aula, hoje ela percebe o desenvolvimento dele, por este não se alterar mais com os sons em sala. Em alguns dias observei que a criança sentia sono durante a aula, e acabava se tornando um pouco agressivo com a mediadora, e esta percebia a necessidade de Lucas e levava um colchão da escola para ele descansar dentro da sala de aula, passando todos os momentos da aula isolado, em alguns momentos alunos da turma tentam contato, porém sem sucesso. É um aluno muito esperto, sabe muito bem quando está fazendo algo que a mediadora não gosta; mesmo ela conversando com ele, ele procura fazer para “provocar”.

Em uma conversa com a professora, informa que ele não é acompanhado por profissionais como o fonoaudiólogo ou psicóloga, na observação pude notar que Lucas gosta da sala de leitura, onde tem brinquedos e às vezes filmes para assistirem, ao brincar com os brinquedos, observei que a criança gosta da cor azul, pois todos os brinquedos escolhidos por Lucas tinha a cor azul, no atendimento na sala do AEE em que a professora demonstra brinquedos educativos para o aluno, ele se mostra calmo e interessado pelo atendimento. O planejamento de aula exercido é igual para todos.

Apesar da dificuldade de interação com outros alunos, Lucas gosta da hora do intervalo, se sentindo mais livre, onde ele corre, brinca sozinho na área da escola e quando alguma criança se aproxima ele não se altera demonstra gostar dessa aproximação sorrindo, apesar da falta de concentração e da fala Lucas, demonstra gostar de estar na escola, muitas vezes mostrando na hora de ir para casa sua insatisfação em ir embora com o responsável.

Com isto enfatizo que os profissionais no contexto escolar, que estão em volta da criança com autismo, precisam que haja um olhar novo sobre o aluno e suas habilidades e competências. Neste sentido, Mantoan (2003) afirma que a “Inclusão é o privilegio de conviver com as diferenças.”, isto é, quando todo o corpo docente e alunos perceberem as diferenças um dos outros, ao seu redor, irão reconhecer a importância da inclusão para qualidade de vida em sociedade.

5.2 Perfil da sala de aula e da classe

O estudo foi realizado em uma turma das series iniciais do 2º ano (A) do fundamental, com crianças aproximadamente na faixa etária de 7 (sete) a 8 (oito) anos de idade.

A sala de aula em que foi realizada a pesquisa, é climatizada, possui janelas amplas de vidro, 1 (uma) portas de acesso, quatro lâmpadas fluorescentes, 1 (um) armários, 1 (um) quadro magnético, 1 (uma) mesa do professor, 25 (vinte e cinco) mesas com cadeiras cada, proporcionais ao tamanho das crianças, 3 (três) ventiladores de teto. A decoração das paredes é com atividades produzidas em sala pelos alunos como: desenhos, letras, números, cartazes e calendário (com aniversariante do mês). Essa decoração é feita pela professora em conjunto com as crianças. Importante ressaltar que através dessa interação como nos momentos de decorar a sala, por

exemplo, que as crianças se desenvolvem socialmente, porém a criança autista não é estimulado a participar destes momentos de interação.

Porém, me chamou a atenção referente aos alunos da turma de Lucas, o respeito que estes têm por ele, e da vontade que eles tem de interagir com a criança autista, observando que em momentos de atividades complementares de brincadeiras em que a professora titular os liberavam, sempre vinha um ou uma colega da classe tentar interagir com Lucas, porém não se tinha um estímulo por parte da professora ou da mediadora, tornando ainda mais difícil a compreensão de Lucas ao se deparar com a proximidade de outras crianças, nos intervalos das aulas no pátio da escola, Lucas se sente bem a vontade, andando todo o pátio comendo seu biscoito com a mediadora ao seu lado, e as crianças até mesmo de outras salas tentam essa interação com ela, oferecendo lanche, ou penteando seu cabelo, e o que era de se esperar uma reação mais avessa de Lucas, este parece ficar bem a vontade, demonstrando estar gostando desta interação, pois se mostra sorridente e sem atitudes mais agressivas.

5.3 Perfil profissional da participante da entrevista

Participou da entrevista a professora do ensino fundamental menor, que trabalha pedagogicamente com uma criança autista na sala de aula regular, sendo este o objetivo da pesquisa em questão.

A professora foi chamada de E¹, em que esta teve contato com o aluno diariamente. A profissional tem nível superior em Pedagogia, possui pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado (AEE), não tendo curso específico em alunos com deficiência nem em inclusão, a SEMED por onde a mesma é concursada não disponibiliza de cursos complementares, segundo informações obtidas na entrevista sendo suas informações sobre o autismo tidas tanto na sua Pós-graduação e atualmente em pesquisas na internet, leciona a mais de 15 (quinze) anos como professora titular, e está na escola, em questão, há 15 (quinze) anos.

Para se alcançar uma compreensão para a pesquisa, se buscou utilizar as seguintes categorias para análise do conteúdo sobre as respostas da professora em relação a este trabalho pedagógico com o aluno autista, sendo assim segue as seguintes categorias:

- A visão da professora referente ao autismo;
- A inclusão escolar de crianças autistas na perspectiva da entrevistada;
- O desenvolvimento do aluno autista no trabalho pedagógico do professor;
- A família no desenvolvimento da aprendizagem da criança autista;

- Métodos pedagógicos aplicados para a aprendizagem da criança;
- As dificuldades no trabalho pedagógico com o aluno autista.

5.4 A visão da Professora sobre Autismo

Neste momento se faz uma discussão sobre a fala da professora, quando se foi questionado sobre o que é o autismo.

“Autismo é um transtorno que dificulta a interação social, com a dificuldade de comunicação e o comportamento restrito. Sendo que existem vários graus de autismo, diante disto que mostra sua capacidade de aprender e suas dificuldades.”

A professora E¹ em sua fala foi possível observar que esta tem um entendimento sobre o autismo, destacando o comportamento social e de comunicação como um centro que define a deficiência, porém apesar do contato direto com a criança autista não demonstrou ter um entendimento mais aprofundado sobre o TEA em si.

Freire (2006), afirma que “quando a inclusão é refletida ela leva-nos inevitavelmente a repensar a relação entre a formação do professor e as praticas pedagógicas”, neste sentido de acordo com a fala da professora e da observação obtida, se pode dizer que no contexto de um aluno autista em sala de aula normal, os professores devem estar mais bem preparados para que se possam combater os desafios e assim desenvolver competências para serem trabalhadas em sala de aula.

Ao questionar sobre como a professora se encontrava efetivamente ao se deparar com uma criança autista em sua sala a professora responde que:

“A inclusão do aluno autista tem se tornado natural, já faz alguns anos que a nossa escola recebe crianças com diversas deficiências entre elas o autismo é o mais comum, e é sempre um desafio.”

Neste contexto percebemos da naturalidade com que a professora descreve o aluno em sua sala regular, porém em nenhum momento se percebe a preocupação com trabalhos de intervenções pedagógicas com este aluno.

Quando da entrevista com a professora esta relata que a responsável pela intervenção do aluno autista é de responsabilidade da professora mediadora, sendo que esta foi orientada a não desenvolver trabalho em classe apenas individualmente com o aluno. Durante as observações a professora titular só chega mais próximo do aluno nas horas de brincadeiras, quando a criança tem um tempo de intervalo para brincadeiras, é nesses momentos em que a professora titular interage com a criança, mostrando alguns brinquedos.

A escola por muito tempo tinha uma equipe de profissionais para auxiliar o desenvolvimento das crianças com diversas deficiências, composta por psicopedagogo,

duas professoras especializadas em inclusão, psicólogo, fonoaudiólogo e auxiliares de classe, tornando assim uma escola que foi referência em inclusão para alunos com deficiência em Castanhal, porém com a mudança na prefeitura de castanhal (com a troca de prefeito) houve um “corte de gasto” e foram retirados todos estes profissionais da área na escola, ficando apenas uma professora especializada em inclusão, esta ficou na sala do AEE, fazendo o acompanhamento e avaliando o desenvolvimento dos alunos com deficiência.

Essa professora, em uma conversa informal, relatou as dificuldades que está passando sem auxiliar e com a nova gestão da escola, no que se trata sobre inclusão. Diz que já tentou conversar com a equipe de professores. Que tem em sua sala de aula alunos com deficiência, sobre como este pode utilizar métodos com as crianças, porém foi um procedimento sem sucesso, pois a grande maioria dos professores diz que não conseguem se envolver com todas as demandas infantis, se referindo ao que é exigido em termos de conteúdo para classe e sobre a interação da criança com deficiência.

5.5 O que se entende sobre inclusão escolar, e qual sua visão na inclusão da criança autista na sala de aula regular.

Essa categoria tem o objetivo de analisar o que a professora compreende por inclusão e qual sua visão sobre a inclusão do aluno autista na sala de aula regular. Obteve-se a seguinte resposta:

“A escola tem que receber o aluno, dando-lhe condições de aprendizagem, respeitando suas especificidades. E sobre a inclusão desse aluno autista na sala de aula comum para mim é um trabalho gradativo, a criança precisa se adaptar com a sala, os colegas e a rotina.”

A professora no primeiro momento mostra-se consciente sobre a importância de receber a criança, em relação à inclusão de alunos autistas na rede regular, conhecendo sobre o respeito à especificidade de cada um, porém mesmo na observação e na entrevista a E¹ se mostrou preocupada sobre a preparação do profissional da educação ou se o professor deve buscar maneiras de incluir este aluno em sala de aula. Falando assim sobre a adaptação do aluno a classe, porém não mencionou a forma de como ele pode se adaptar a este meio.

Neste sentido percebemos a importância de se ter mais formação sobre inclusão, pois profissionais da educação precisam reconhecer que para alcançar uma educação de qualidade sendo esta inclusiva, é necessário acolher todos os alunos, sendo este deficiente ou não, respeitando suas dificuldades e acreditando em suas habilidades,

entendendo que ninguém possui as mesmas características, Mantoan (2003) nos revela “Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já incluir é estar com, é interagir com o outro.”.

Sendo assim, não é somente o aluno estar inserido na sala de aula regular, a inclusão vai muito além, é proporcionar aos alunos um ensino de qualidade, respeitando cada um com suas devidas habilidades, se tornando um ensino agradável e que através dos métodos de interação o aluno autista se sinta integrado à turma, juntamente com os demais alunos da sala e inclusive com o professor. Desta forma se faz necessário que o professor se utilize de meios para proporcionar essa inclusão na sala de aula, Kupfer (2007) aponta sobre um destes meios sendo a Educação Terapêutica um método de incluir o aluno:

Educação Terapêutica é instituir o simbólico em torno do real; não é apenas educação em seu sentido clássico, pois não visa moldar a criança ao ideal do eu do educador (...). Precisa apresentar materiais, sugerir caminhos (...). Ao mesmo tempo, deve escutar o pouco de sujeito que ali por vezes emerge (p. 115-6).

Com isto se pode afirmar que o professor deve estar preparado para introduzir métodos na sala de aula de acordo com a situação em que se encontra, de maneira que possa reconhecer e então melhorar sua qualidade no ensino. Tem o papel de adaptar a teoria com a realidade da criança para obter um desenvolvimento educacional no aluno autista.

5.6 O desenvolvimento do aluno autista no trabalho pedagógico do professor

Conforme a fala da professora, nesse momento podemos identificar que a Elisabe da importância do seu papel no desenvolvimento de habilidades e no contexto social da criança autista.

“É possível que a criança autista desenvolva suas habilidades, desde que a escola dê-lhe recursos adequados e de acordo com o grau do autismo (leve ou mais severo) ele pode desenvolver. Eu reconheço que a criança desenvolve através do trabalho educacional, conhecendo suas habilidades e dificuldades. Sobre o método pedagógico individualizados com o aluno autista é de responsabilidade do cuidador ou do apoio escolar (AEE).”

A professora não revela nenhuma ação que possa colaborar com o desenvolvimento da criança, ou algum método de intervenção que é utilizada por ela para a inclusão do aluno, e no que observei não se tem esse trabalho pedagógico com a criança, sendo assim, não se identificou desenvolvimento nos três anos do aluno na escola.

Para se ter o apoio adequado a um ensino com inclusão na escola é necessário que a rotina não seja mudada, nem o “currículo” da sala de aula mude devido o aluno

com deficiência na sala, porém precisa de novas atividades, em que estas devem ser incluídas para facilitar e estimular a interação do aluno autista com os demais colegas, segundo afirma Monte (2004).

Com isto entendemos que se torna inevitável que o corpo docente da escola busque novas maneiras de trabalhar em sala de aula, criando diferentes possibilidades pedagógicas com o objetivo de promover e estimular a criança autista a desenvolver suas habilidades, demonstrando assim evoluções no ambiente em que vive.

5.7 A Família no desenvolvimento da aprendizagem da criança Autista

Nesse momento foi proposto que a E¹ relatasse, se a família do Lucas colaborava no seu desenvolvimento e se eles acompanhavam todo o desenvolvimento da criança, a professora respondeu que até o presente momento não, os pais não participam da vida escolar do aluno.

“A família é fundamental para um melhor desenvolvimento desse aluno com autismo, porém até o momento os pais de Lucas não colaboram com o desenvolvimento dele na escola, não sei dizer se eles fazem algum tipo de acompanhamento com ele em casa, mas na escola os pais não participam nem nas reuniões escolares, sempre alegando falta de tempo por questões de trabalho.”

Percebemos que a professora entende da importância da família, porém sua resposta não foi positiva ao se referir ao aluno em questão, porém é necessário à compreensão em que a família é peça fundamental no desenvolvimento da criança sendo esta com alguma deficiência ou não. Santos (1999) afirma que:

[...] a participação da família é de suma importância no movimento da inclusão. Seja de forma individualizada ou por meio de suas organizações, é imprescindível a sua participação para que a continuidade da luta por sociedades mais justas para seus filhos seja garantida. É importante sua participação, pois a família irá exercer sua cidadania e funcionar como um veículo por meio do qual seus filhos possam aprender a ser. (p.78)

Neste sentido a participação dos pais na vida escolar da criança deve se fazer constante e consciente. O ambiente escolar e família são simultâneas e complementares e é importante que pais, educadores e alunos compartilhem experiências, possam compreender cada passo da criança e trabalharem todas as questões envolvidas no seu cotidiano sem ter um pré-julgamento de “culpado e inocente” no que diz respeito ao desenvolvimento do aluno, porém procurando respeitar e entender todas as situações expostas em seu contexto educacional e social. Para que esse desenvolvimento do aluno autista ocorra é preciso que essa interação seja conjunta, na qual família, professores e

escola tenham um mesmo objetivo, certamente assim estará incluindo essa criança no ambiente escolar e possibilitando a construção de novas habilidades.

Faz-se de muita importância citar sobre o acompanhamento também de profissionais especializados, no qual possam ajudar a criança autista no seu desenvolvimento emocional, social e de linguagem. Portanto, não só a família terá informações de como devesse agir frente a esta dificuldade, mas também terá como objetivo desenvolver a qualidade de vida deste aluno, e assim possibilitando ao aluno o desenvolvimento de suas habilidades e competências.

5.8 Métodos pedagógicos aplicados para a aprendizagem da criança autista

Essa questão foi pensada para analisar e discutir se a professora em questão trabalhava atividades pedagógicas individuais para com o aluno autista. Verificando tanto na resposta a entrevista da professora como na análise da observação, que a professora possui dificuldades no desenvolvimento destas atividades, nem em sua interação com a turma, assim a professora fala que:

“O aluno autista tinha uma professora auxiliar, hoje, dependendo do grau do autismo, a criança terá um cuidador ou o apoio escolar. No caso do meu aluno tem um cuidador, é trabalhando a interação e socialização desse aluno. Ele ainda não consegue desenvolver atividades pedagógicas.”

Como já discutido anteriormente a professora em nenhum momento fala de se ter um trabalho diferenciado com o aluno autista, e nessa categoria fica claro que a falta de informação da professora ou de não saber lidar com a situação, esta acredita que é de responsabilidade do mediador levar materiais adaptados para este aluno, já o mediador é orientado a apenas mediar ou acompanhar o trabalho da docente com a criança autista, diante deste impasse que acaba por prejudicado é o próprio aluno autista.

Diante desta análise identificamos a falha na formação dos profissionais da educação, onde se deve ter um olhar diferenciado neste ponto em que o professor precisa estar ciente que cada aluno possui suas diferenças e que cada criança faz se presente para aprender e se desenvolver de acordo com suas habilidades, e estas com deficiência ou não, todos são capazes de adquirirem conhecimentos. Para que isso seja uma realidade nas escolas, precisamos entender que é preciso que se ofereçam possibilidades de formação para esses professores, para que na prática consigam atuar de uma forma mais humana e respeitando as diferenças.

As políticas públicas para a inclusão devem ser concretizadas na forma de programas de capacitação e acompanhamento contínuo, que orientem o trabalho docente na perspectiva da diminuição gradativa da exclusão escolar, o que visa beneficiar não apenas os alunos com necessidades especiais, mas,

de uma forma geral, a educação escolar como um todo. (Glat & Nogueira, 2002, p. 27)

Esta cada vez mais presente no cotidiano escolar a prática da inclusão de alunos com autismo, neste sentido que se faz necessário à qualificação desse professor para assim desenvolver um trabalho de qualidade, enriquecendo o ensino de forma gradativa e respeitando as necessidades, possibilitando o desenvolvimento de cada aluno e diminuindo a dificuldade de se trabalhar crianças com autismo.

5.9 As dificuldades no trabalho pedagógico com o aluno autista

A inclusão escolar é um assunto que muito se fala e pouco se faz, e ao discutir sobre o autista em sala de aula regular percebe-se a dificuldade que educadores e o corpo docente têm em tornar essa inclusão uma realidade no que se diz respeito a trabalhar com esta criança de forma pedagógica, ouvindo muitas vezes na fala de alguns professores o quanto é difícil e complicado, se trabalhar com esse desenvolvimento, alguns por não terem formação adequada, outros por não terem assistência por parte da escola e dos pais das crianças ou mesmo incentivos para buscarem incluir de fato este aluno com autismo.

Sendo assim, pela entrevista com a professora, demonstrou dificuldades, na entrevista a professora falou do desafio que é incluir uma criança autista e recursos que utilizam para buscar tentar superar e/ou solucionar tais dificuldades existentes em sala.

Ao ser questionada se a criança autista trouxe dificuldades em sala de aula regular, e sobre quais recursos a professora utilizou para buscar estes problemas de dificuldades.

“É sempre um desafio, mas sempre pesquiso na internet recursos e mais conhecimento. E no caso do meu aluno tem um cuidador, que trabalha a interação e socialização desse aluno. Ele ainda não consegue desenvolver atividades pedagógicas, pois depende muito do grau do autismo.”

Pode-se compreender com essa fala e com a análise das observações ao decorrer das aulas que a professora não utiliza de atividades pedagógicas para o ensino-aprendizagem da criança, o que o aluno participa de aprendizagem é o que o cuidador trás, e como analisado na observação é uma parte do método PECS (Sistema de Comunicação Através Da Troca de Figuras) onde a cuidadora, que a professora menciona em sua resposta leva figuras para Lucas e ela o estimula a conhecer as fotos e seus nomes, sempre levando as mesmas figuras, levando para a realidade da criança, fotos como: de comidas, hambúrguer, barras de chocolate, batata frita, biscoito, ou de animais, como gato e cachorro, Lucas observa com atenção por um curto período, mas o intuito de conseguir comunicação com o aluno ao decorrer deste período foi sem

sucesso, Lucas continua sem se comunicar. O que se pode perceber novamente é do como é uma tarefa árdua a comunicação entre professor e aluno com autismo, sendo necessária a informação ou formação continua para o professor, pra este saber como lidar com a situação em questão. Sendo importante a busca de informação sobre o ensino-aprendizagem da criança, pesquisas em livros, internet e conversas com outros colegas de profissão que passam pela mesma situação, na tentativa de adquirir novos conhecimentos sobre o autismo e como este ira proceder com sua forma de ensinar.

[...] para que a criança autista participe mais ativamente das interações que permeiam a rotina escolar, é preciso que a professora antes de tudo observe, para assim adotar estratégias que favoreçam a interação social e, sobretudo, os comportamentos de iniciativa. (LEMOS; SALOMÃO; RAMOS, 1994).

Desta forma, se considera que o profissional deve buscar adquirir novos conhecimentos, por mais difícil que parece, todos precisamos compreender a importância da inclusão para a sociedade, onde trás ensinamentos não só para crianças com deficiência, mas para sociedade como um todo, ensinando o que é respeito às diferenças, sendo assim, ter mais conhecimentos e ir em busca dos mesmos para transmiti-los, conseqüentemente estará colaborando na aprendizagem do aluno com qualquer deficiência ou transtorno, ou ate mesmo com crianças sem deficiência, contribuindo com uma sociedade mais justa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de crianças com autismo em salas de aula regular é um processo que apresenta grandes dificuldades, principalmente pelos profissionais que trabalham na escola direta ou indiretamente com as crianças.

Por mais complexo que seja esse cuidado, é necessário estes profissionais que estão nesse ambiente educacional, sejam fortalecidos e acompanhados por outros profissionais, como foi pontuado neste trabalho. Assim possam buscar e conhecer sobre a inclusão escolar e sobre as necessidades, cuidados, comunicações, interações sociais, agressividades, desenvolvimentos e aprendizagens psicossociais para que assim possam ter uma posição além do pedagógico com o que estão lhe dando, e busquem em outros métodos educacionais uma inclusão educacional e política que de fato aconteça nas escolas, tornando possível o desenvolvimento das habilidades, fazendo com que está se mantenha como referência, ainda que com os mínimos recursos.

Nesse pensar, agir e criar uma inclusão é necessário que os professores busquem maneiras para provocar inúmeras informações e conhecimentos, e se o desenvolvimento esperado não acontecer, é importante buscar sempre, por experimentos e métodos, práticas pedagógicas artísticas – cênicas, plásticas, musicais, visuais etc., tornando adequadas em sala de aula, a fim de estimular as crianças para que estas interajam entre si.

Percebemos que a professora da pesquisa, entende a importância da inclusão escolar dos alunos com autismo, mas revela que para envolvê-lo em sala de aula é necessário um conjunto de aspectos para que se possa trabalhar a inclusão com este aluno, no caso da pesquisa, ela fala que depende do grau do autismo, é possível trabalhar seu desenvolvimento, e neste ponto que demonstra a falta de conhecimento sobre o autismo. Isso já é uma demanda para a gestão da escola, que antes era referência.

As breves explorações nos dão pistas, mostrando uma professora com dificuldades ao inserir o aluno com autismo em sala de aula, apesar de está ter uma pós-graduação em atendimentos educacionais especializado, ainda que com curso generalizado, tenta interagir com a criança durante o intervalo do recreio oferecendo-lhe brinquedos, não sei se por conta da nossa presença, mas esse movimento dentro de um contexto escolar merece uma investigação. Entretanto ela se diz insegura para lidar com a inclusão escolar de alunos com autismo, este ponto fica claro quando a professora

transmite sua responsabilidade de utilizar de métodos pedagógicos para a mediadora do aluno com autismo.

Diante deste relato se conclui que a INCLUSÃO não é apenas inserir o aluno dentro da sala de aula regular, mas adaptá-la ao contexto, construindo novas possibilidades e conhecimentos de maneira a ter um olhar voltado às habilidades e competências da criança, e não um olhar apenas para o “transtorno”, sua aprendizagem e seu desenvolvimento, devem sempre ser acompanhada pelo professor, para que haja uma relação e então tenham um conhecimento mutuo.

Para que tenha uma inclusão de fato desta criança, com o verdadeiro sentido da palavra INCLUIR, o professor precisa transmitir segurança com o conhecimentos para que este aluno possa ter um desenvolvimento através de atividades concretas, visuais e auditivas, trabalhando a coordenação motora, sensoriais, raciocínio lógico, aéreo, deslocamento no tempo-espaço, com exercício de concentração e com significado social coletivo, desta forma possibilita que o aluno com autismo obtenha novos conhecimentos de maneira prazerosa.

E para que a inclusão de fato aconteça não apenas o professor precisa de mudanças, novos conhecimentos, precisa que o estado, a sociedade, pais e todo o contexto escolar, entendam que a criança com Transtorno de Espectro Autista é ser capaz, que ele pode aprender e pode se desenvolver que inclusão é para o bem de todos, para formar uma sociedade mais justa e tolerante as diferenças. Para que isso aconteça precisa de uma compreensão para com estas crianças proporcionando uma vida de qualidade.

7 CRONOGRAMA

ETAPAS	2017 / 2018									
MESES	J U L	A G O	S E T	O T O	N O V	D E Z	J A N	F E V	M A R	A B R
Levantamento do material bibliográfico	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Organização das etapas do pré-projeto	x	x	x	x						
Qualificação do Pré-Projeto.					x					
				x						
Coleta de Dados							x	x	x	
Análise dos Dados						x	x	x		
Elaboração do Relatório Final									x	
Revisão do Texto									x	
Entrega da Pesquisa										X

8 REFERENCIAS

ANDRÉ, Marli; LUDKE, Menga; E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1988.

ASSALI, A. M., RIZZO, C., ABBAMONTE, R. M., & AMÂNCIO, V. **O acompanhamento terapêutico na inclusão de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento**. 1999. In Anais do I Colóquio do Lugar de Vida/ LEPSI: a psicanálise e os impasses da educação (pp. 114-121). São Paulo, SP: Lugar de Vida.

ASSOCIAÇÃO DE PSIQUIATRIA AMERICANA (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V). 4. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2002.

AUTISMO: UMA AVALIAÇÃO TRANSDISCIPLINAR BASEADA NO PROGRAMA TEACCH program Caroline Sianlian Kwee(1), Tania Maria Marinho Sampaio(2), Ciríaco Cristóvão Tavares Atherino <http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/works/item.php?id=8>.

Acessado em 11 de Março de 2018 às 03:12.

BAER, D. M.; WOLF, M. M.; RISLEY, T. R. **Some still-current dimensions of applied behavior analysis**. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 20, n. 4, p. 313-27, 1987.

BARROS, J. F., & BRANDÃO, D. B. S. R. **Acompanhamento terapêutico: (re) pensando a inclusão escolar**. In X Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. 2011. Maringá, PR. Recuperado de <http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/39.pdf>. Acessado em 12 de Março de 2018

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 28.dez.2012. Disponível em: <http://www.impresnacional.gov.br/web/guest/inicio>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2018, as 13:05 horas.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica / Secretaria de Educação especial – MEC; SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acessado em 05 de fevereiro de 2018 às 3:23 horas.

BRASIL. Congresso Nacional. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394)*. Brasília, Centro Gráfico, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, Brasília, 1961. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm>. Acessado em 07 de outubro de 2017, às 14:30 horas.

BONDY, A.; FROST, L. The Picture Exchange Communication System. *Behavior Modification*, v.25, n.5, p.725-744, 2001.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Roberto. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4. ed. - Rio de Janeiro: Wak, 2012.

DANNA, M.F. **Ensinando Observação**. 2 Ed. – São Paulo: Edicon. 1986 (Coleção observação de comportamento)

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Necessidades Educativas Especiais – NEE**
In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994. Disponível em: http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf. Acessado em 22 de março de 2018 às 16:29 horas.

DEWEY, John. Democracia e educação breve tratado de filosofia de educação. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952

FLIPPIN, M; RESKA, S.; WATSON, L.R. Eficácia do Sistema de Comunicação Picture Exchange (PECS) em Comunicação e Fala para Crianças com Transtornos do Espectro do Autismo: Uma Meta-Análise. Revista Americana de Fonoaudiologia, Rockville, v.19, n.2, p.178-195, 2010.

FRÁGUAS, V., & BERLINCK, M. T. **Entre o pedagógico e o terapêutico: algumas questões sobre o acompanhamento terapêutico dentro da escola**. 2001. Estilos da Clínica, 6(11), 7-16. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v6i11p7-16>.

HUNDERT, J. **Inclusion of students with autism: using ABA-based supports in general education**. Austin: ProEd., 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Nacional – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150240> – Acessado em 18 de Abril de 2017, às 15:43 horas.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, 2015. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basicacenso>. Acessado em 18 de Abril de 2017, às 15:58 horas.

KUPFER, M. C. & PETRI, R. **“Por que ensinar a quem não aprende?”**. 2000. Estilos da clínica, 5(9), 109-117. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v5i9p109-117>. Acessado em 14 de dezembro de 2017, às 22:18.

KUPFER, M. C. M. **Educação terapêutica: o que a psicanálise pode pedir à educação**. 1997. Estilos da Clínica, 2(2), 53- 61. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v2i2p53-61>. Acessado em 24 de novembro de 2017, às 01:45 horas.

KUPFER, M. C. M. **O sujeito na psicanálise e na educação: bases para a educação terapêutica.** *Educação e Realidade*. 2010. 35(1), 265-281.

LEMOS, Emelly Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; RAMOS, Cibele Shirley Agripino. **“Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar”**; *Revista Brasileira de Educação Especial*; volume 20, ano 1, Marília, Jan/Mar. 2014. Disponível em: http://www.sielo.br/scielo.php?scriptsci_arttext&pidS141365382014000100009&lang=pt. Acessado em: 02 de abril de 2018, às 16:13 horas.

LIMA, F. J. **Ética e Inclusão: o status da diferença.** In: MARTINS, L. de A. R. et. al. [orgs.]. **Inclusão: Compartilhando Saberes.** Petrópolis: ed. Vozes, 2006.

MANTOAN, Maria. Teresa. E. **Inclusão social: o que é? Por quê? Como fazer? (Coleção cotidiano escolar).** Ed. Moderna, São Paulo, 2003, pp. 12-20

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.) **Pesquisa social.** 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 80.

MONTE, F.; SANTOS, I (Coord.). **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de aprendizagem: autismo.** Brasília: MEC, SEESP, 2004, pp. 9-3.

MOREIRA, P. S. T. **Autismo: a difícil arte de educar.** Universidade Luterana do Brasil – Ulbra – Campus Guaíba – RS, 2005.

OLIVEIRA; SOUZA, 2011 – OLIVEIRA, M. A. M.; SOUSA, S. F. de. Políticas para a Inclusão: Estudo Realizado em um Escola Estadual de Belo Horizonte. *Educação em Revista*, Curitiba, n. 42, p.245-261, dez. 2011.

ORRÚ, Silva Ester. “Trajetória, avanço e desafios na concepção de educandos com autismo”. In: ORRÚ, Silva (org.). **Estudantes com necessidades especiais: singulares e desafios pedagógica inclusiva.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

PÁDUA, Elisabete M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática.** 6. ed. Campinas: Papirus, 2000, 120 p.

PEREIRA, L. de L. S. et al. Trajetória Da Formação de Professores de Ciências para Educação Inclusiva em Goiás, Brasil, sob a Ótica de Participantes de uma Rede Colaborativa. *Ciências Educação*, Bauru, v. 21, n. 02, p.473-491, jun. 2015.

PEGORELLI, A. L. C. B. **Um acompanhamento terapêutico na escola: seus alcances e possíveis entraves.** 2011. In VIII Colóquio Internacional do LEPSI/ III Congresso da Ruespy – O declínio dos saberes e o mercado do gozo: a psicanálise na educação. São Paulo, SP. Recuperado de <http://www.proceedings.sielo.br/scielo.php?pid=MSC00000000>. Acessado dia 23 de fevereiro de 2018, às 15:30

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética.** Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

PISSETTE, BB. **Análise dos Gastos com Transportes em Uma Indústria de Beneficiamento de Arroz da Região Sul de Santa Catarina.** Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC; 2010

RODRIGUES, David. **Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva.** São Paulo: ed. Summus, 2010.

SANTOS, A. M. T. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar.** São Paulo: CRDA, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O todo é igual a cada uma das partes.** In: Revist Crítica de Ciências Sociais, 1999, pp. 52-53

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SCHWARSTZMAN, J. S. Assunção, F.B. Jr. e Colaboradores. **Autismo Infantil.** São Paulo: Memnon Edições Científicas Ltda, 1995.

SEVERINO, J. **Metodologia do trabalho científico.** 23 Ed. - São Paulo: Cortez, 2007.

SEMED. Secretária Municipal de Educação – Castanhal, 2018.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introduction to qualitative research methods: the search for meanings.** New York: John Wiley & Sons, 1984.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

“AUTISMO E INCLUSÃO: ASPECTOS DA AÇÃO DOCENTE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CASTANHAL – PA”

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estou fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

O participante da pesquisa fica ciente:

I) Será um estudo do tipo qualitativo e método de estudo de caso, realizada uma pesquisa sobre, a pratica da ação docente para com um aluno autista no município de Castanhal-PA.

II) Objetivos da pesquisa: O presente trabalho tem como objetivo as características na pratica docente em uma turma regular do 2º ano do ensino fundamental na escola municipal com a presença de um aluno com Transtorno Global do Desenvolvimento, sendo este associado a uma perspectiva inclusiva.

III) Participação na pesquisa ou metodologia: Os dados serão coletados em visitas devidamente agendadas, onde será realizado uma entrevista previamente agendada com os profissionais que interagem com a criança autista, onde coletaremos informações referentes ao conhecimento e pratica de inclusão escolar. O participante da pesquisa (ou voluntário da pesquisa) não é obrigado a responder as perguntas realizadas na entrevista. Será realizada na Escola Emília Gemnines, localizado no município de Castanhal - PA. Os dados coletados serão relacionados ao conhecimento de Professor da educação infantil.

IV) Critérios de inclusão e exclusão: Os critérios de inclusão foram os professores que trabalham diretamente com o aluno autista e exclusão os professores que se recusarem a participar da pesquisa

V) O participante da pesquisa não é obrigado a responder as perguntas contidas no instrumento de coleta dos dados pesquisa;

VI) O participante da pesquisa tem a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação, sem penalização nenhuma e sem prejuízo a sua saúde ou bem-estar físico;

VII) O participante o não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária;

VIII) Direito a Indenização: Item 2.7 da Res. 466/12 - cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa;

IX) Garantia de Ressarcimento: Item 2.21 da Res. 466/12 – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transportes e alimentação;

X) Benefícios: A pesquisa tem como benefício, a contribuição para comunidade científica da área de educação, visto que será mais uma fonte de informação para posteriormente dar mais clareza sobre a assistência realizada que visam melhorar a qualidade da educação em uma perspectiva inclusiva.

XI) Riscos: A pesquisa tem como risco mínimo a quebra de sigilo das informações pessoais dos entrevistados que serão coletadas.

XII) Confidencialidade: os pesquisadores se comprometem em guarda sigilo absoluto sobre estas informações

XIII) este documento deve conter duas vias iguais (assinadas e rubricadas em todas as páginas), sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao participante de pesquisa.

XIV) Consentimento do participante da pesquisa

Eu, _____, residente e domiciliado na _____, portador da Cédula de identidade, RG _____, e inscrito no CPF _____ nascido (a) em ____/____/____, abaixo assinado, declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras sobre as dúvidas por mim apresentadas a propósito da minha participação na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, de livre e espontânea vontade, participar deste estudo, permitindo que os pesquisadores relacionados neste documento utilizem as minhas informações para fins de pesquisa científica/ educacional, podendo ainda, publicá-las em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma.

() Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

() Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Castanhal, de de 2018.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Desta forma autorizo a minha participação na referida pesquisa acima citada.

Assinatura do Participante: _____

Testemunha 1: _____
Nome / RG / Telefone

Testemunha 2: _____
Nome / RG / Telefone

Responsável pela Pesquisa:

Luiz Carlos de Carvalho Dias

Assinaturas dos Pesquisadores Responsáveis:

Suane Priscila Porpino da Silva

Contato dos Pesquisadores:

Suane Priscila Porpino da Silva (91) 982763988

suanepiscil_ps@hotmail.com

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Identificação:
2. Idade:
3. Sexo: () Masculino () Feminino
4. Escolaridade:
() Ensino superior () Pós Graduação: Tipo _____
5. Quanto tempo de profissão?
6. Qual o tempo de trabalho na Escola?
7. em qual turma trabalhou com o aluno autista?
8. Recebeu algum treinamento especial para trabalhar no local?
 Sim Não
9. O que você entende por autismo?
10. Qual sua opinião sobre a inclusão desse aluno autista em sala de aula regular?
11. A família colabora para o desenvolvimento da aprendizagem da criança? Quais?
12. Você utiliza ou utilizou de algum procedimento de intervenção com o aluno autista e a classe?
13. Você sentiu dificuldades ao trabalhar com um aluno autista? Quais dificuldades? E quais recursos (ex. livros, internet, etc.) você buscou solucionar essas dificuldades?